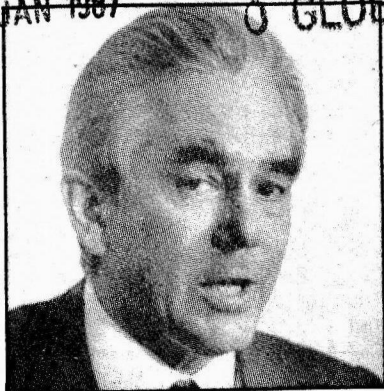


Bracher busca dinheiro novo nos EUA

REGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

14 JAN 1987

O GLOBO



Fernão Bracher quer US\$ 2 bilhões

NOVA YORK — O Presidente do Banco Central, Fernão Bracher, chega, hoje pela manhã, a Nova York com um objetivo: pedir novos empréstimos aos bancos privados americanos para o Brasil. Este é o principal tema da visita dos próximos três dias à cidade e dos inúmeros contatos com banqueiros particulares, entre eles o Coordenador da Dívida Externa brasileira e Vice-Presidente do Citibank, William Rhodes. Não há nenhuma reunião marcada pelo Comitê de Assessoramento da Dívida Externa brasileira para estes dias.

Bracher não quis especificar o montante que será pedido e negociado:

— Ainda são estimativas. Uns falam em até US\$ 1 ou 2 bilhões. Por enquanto tudo é chute, mas esta é a nossa intenção, realmente; conseguir dinheiro novo dos bancos, disse o Presidente do BC, ouvido pelo GLOBO no Watergate Hotel, em Washington, onde ficou hospedado.

Bracher passou o dia em contatos com autoridades americanas, do Banco Mundial e do FMI. O principal encontro foi com o Presidente do Federal Reserve (Banco Central americano), Paul Volcker. Ele pediu o apoio de Volcker à posição brasileira nas negociações do Clube de Paris, na próxima semana. Mas o Presidente do Banco Central não quis dar maiores detalhes de seus encontros.

— Nossos encontros foram proveitosos e vamos ver o que eles vão significar no futuro das negociações da dívida externa, a nível de Governo, órgãos multilaterais e autoridades americanas. Estivemos no Fundo, no

Banco Mundial e no Federal Reserve. Estamos tentando recuperar algum montante das reservas que foram perdidas com a quebra do saldo comercial de 86, continuou Bracher.

O Presidente do Banco Central voltou a negar que esteja pensando em uma maxidesvalorização do cruzado, nos próximos dias, mas a situação, segundo os banqueiros americanos, requer cuidados no setor econômico do Governo Sarney, já que as exportações não estão dando conta das importações, os juros estão soltos e a inflação começa a se tornar incontrollável. Desse modo, já se fala muito, em Nova York, na volta do Brasil ao FMI e de uma maxidesvalorização do cruzado que, segundo os banqueiros, não está condizente com a realidade comercial exterior.

O Presidente do BC ficará em Nova York até sexta-feira, antes de retornar a Brasília. Já os seus acompanhantes — o Ministro Alvaro Alencar e o Diretor da Dívida Externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas — embarcam dos Estados Unidos diretamente para Paris, para as negociações com o Clube dos países credores, no dia 19.